

## **PREFÁCIO**

### **Rev. João Carlos da Costa Faria (1940-2003)**

Casado com Marluce da Silva Faria, o casal teve um filho, Sérgio Ricardo da Silva Faria (Diácono)

O Rev. João Carlos recebeu o Senhor Jesus como único e suficiente Salvador numa série de cultos evangelísticos, ministradas pelo Rev. Ivan Espíndola D'Ávila no ponto de pregação da Igreja Presbiteriana de Coelho Neto. Foi batizado no templo da Igreja Presbiteriana de Madureira (IGREJA MÃE), pelo Rev. Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho, Pastor da Igreja.

O Rev. João Carlos sentiu logo depois, a chamada para o Ministério da Palavra, mas foi orientado pelo seu pastor, que esperasse um pouco mais.

Fez parte do 1º Conselho da Igreja Presbiteriana de Coelho Neto, e com seus colegas de Conselho fundaram um grupo denominado “Ação Missionária”, que percorreu os bairros de Vila Santa Tereza, Coelho Neto e algumas ruas de Rocha Miranda, distribuindo folhetos de casa em casa, falando do amor de Deus, através de alto-falante portátil.

Foi para o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, na Tijuca/RJ porque o Seminário Presbiteriano na época estava localizado em Campinas - São Paulo; foi ordenado Pastor em 06 de fevereiro de 1982, pelo PMAD e foi pastorear a Igreja Presbiteriana de Rocha

Miranda. Como pastor, fundou um ponto de pregação em Costa Barros, na residência da irmã Ana das Neves Cabral. O **trabalho**, a **ação** e o **ardor missionário** cresciam, organizando assim a Congregação Presbiteriana de Costa Barros; e logo depois, em 20 de abril de 1985, a Igreja Presbiteriana de Costa Barros, em culto solene com a presença do Presb. Paulo Breda Filho. O Rev. João Carlos tomou posse como pastor efetivo.

A Congregação de Pavuna é fruto do ardor Missionário da Igreja Presbiteriana de Costa Barros, (igreja mãe), tendo à frente o Rev. João Carlos da Costa Faria.

Todas as ruas adjacentes à Congregação foram alcançadas pela ação missionária da igreja mãe.

E quis Deus, que fosse aqui em Pavuna, que a Igreja Presbiteriana de Costa Barros organizasse sua primeira filha: **Segunda Igreja Presbiteriana em Pavuna.**

**Deus seja louvado!**

*Prof<sup>a</sup> Marluce da Silva Faria e  
Dc. Sérgio Ricardo da Silva Faria  
Novembro de 2012*

## SUMÁRIO:

<b>Introdução .....</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo I .....</b>	<b>9</b>
<b>Os Primeiros Passos Contagiam</b>	
<b>Capítulo II .....</b>	<b>15</b>
<b>A Chamada para o Céu</b>	
<b>Capítulo III .....</b>	<b>18</b>
<b>Os Que Semeiam com Lágrimas</b>	
<b>Capítulo IV .....</b>	<b>37</b>
<b>Voltarão com Júbilo, Trazendo os seus Feixes</b>	
<b>Conclusão .....</b>	<b>52</b>

## Introdução

---

Alcançar o inalcançável sempre foi e será uma meta da Igreja. Desde os tempos mais remotos da Igreja do Senhor Jesus, desde a época dos doze apóstolos, pregar o Evangelho foi fácil e ao mesmo tempo, difícil. Essa antítese dá-se em face da obediência e o fruto dessa obediência. Levar a mensagem do Evangelho obedecendo o “ide” de Jesus vai além do que pode um homem, limitado em seu ser, esperar.

Os apóstolos não esperavam que com a “Missão” que receberam, viria, num mesmo pacote, a responsabilidade de administrar e lidar com as tarefas mais distintas. Tarefas que mesmo após quase três anos de experiência não dava para eles nenhuma segurança de “somos capazes”. Tão somente o que podiam assegurar era: “seremos capacitados”.

O apóstolo Pedro em seu primeiro discurso não trouxe para si e nem mesmo arrogou a responsabilidade; ele apenas se levantou com os onze e começou: “*Varões judeus e todos os que habitam em Jerusalém...*” (Atos 2.14). Se soubessem o que aconteceria após o primeiro sermão em público, talvez, os apóstolos se preparassem mais, criariam estratégias mirabolantes; tais como, diga-se de passagem, muitos fazem hoje.

O que aconteceu é sabido de todos nós: “três mil

peças foram batizadas em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Glória a Deus! Desconheço, e desculpem a minha ignorância, uma estratégia criada pelos homens que possa chegar a um fim tão maravilhoso para glória de nosso Deus. A partir desse sermão em público, veio uma clara visão: “Deus fará o Evangelho de Seu Filho Jesus Cristo chegar até os confins da terra”. A mensagem do Senhor precisava ser pregada, Sua ordem precisava ser cumprida: “...sereis minhas testemunhas em Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins da terra” (At 1.8).

Mas onde há o homem, há imperfeição, preocupação, ansiedade e medo. Como se não bastasse a demonstração do que Deus realizou através de suas próprias vidas, os discípulos de Jesus precisavam aprender e muito. Jerusalém estava ouvindo a mensagem do Evangelho, era preciso sair para Judéia, Samaria e ir ao mais longe possível. Onde? Onde tiver uma alma vivente, pois há uma grande festa no céu por um pecador arrependido (Lc 15.7).

No livro de Atos dos Apóstolos (que segundo muitos teólogos, inclusive eu, deveria chamar-se “Atos do Espírito Santo”) vemos que o Evangelho tinha mesmo de se expandir, pois a ordem foi dada. Com a morte de Estevão, o recém-ordenado diácono, a Igreja passou a ser perseguida e Filipe, ordenado juntamente com Estevão, foi para Samaria (iniciou em Jerusalém,

foi para Judéia e chegou em Samaria) e lá houve uma grande aceitação (o Senhor tinha os Seus em Samaria). Faltava então os **“confins da terra”**.

Paulo começou a fazer essa obra quando viu que os judeus não queriam ouvir a mensagem do Senhor (Rm 9). Então, saiu e começou a pregar o Evangelho até onde Deus permitiu que ele fosse.

Homens à semelhança de Paulo saíram de sua parentela, pátria, comunidade... todos com o objetivo de anunciar o Evangelho. A Igreja do Senhor tem essa marca desde seu início, ***Ela é missionária***. Tornou até mesmo um jargão a célebre frase: “Igreja que não evangeliza, precisa ser evangelizada”. Acredito que toda Igreja nasceu de um projeto missionário. E esse projeto quando oriundo do coração do Senhor sempre dará os seus devidos frutos.

Assim foi o que aconteceu com nossa Igreja de Costa Barros. Nasceu do coração de Deus para o coração de homens e mulheres que juntamente com seu pastor, reverendo João Carlos da Costa Faria (in memoriam), iniciaram e plantaram a Igreja do Senhor em Costa Barros. Mas a missão não pode parar até que Jesus volte.

Com o ardor missionário, o pastor João Carlos procurou o presbítero e seminarista Euzébio Fernandes da Silva Neto (hoje pastor da Igreja de Costa Barros) e o diácono Alexandre Figueira Ferreira (hoje pastor auxiliar da Igreja de Costa Barros, trabalhando de

forma integral na Congregação de Pavuna) e revelou a vontade de implantar o Evangelho do Senhor através da Igreja Presbiteriana do Brasil em Pavuna.

Com o mesmo ardor missionário, pois creio que o ardor vem do coração de Deus, os irmãos prontamente se colocaram a frente do trabalho juntamente com seu pastor. Começou então, com o aval do Conselho de Costa Barros e principalmente em oração, a procura por um imóvel para locar a fim de iniciarmos o trabalho. Dois imóveis foram encontrados, sendo escolhido o que atualmente abriga a Igreja do Senhor hoje.

Obviamente que decidir pregar o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo não é simplesmente uma questão de vontade, mas de resignação, devoção, oração e sobretudo, obediência.

Após todo o trâmite para locar, faltava o principal: “meter a mão no arado e não olhar para trás”. E quando nosso Mestre disse “meter a mão no arado e não olhar para trás”, efetivamente Ele, sapientíssimamente, sabia o que dizia. E é exatamente a nossa experiência que queremos deixar marcada na história através deste livro que, singelamente, compartilhamos. Estamos certos que não somos os únicos e nem mesmo os últimos, mas cremos que toda experiência é singular. Assim como foi a experiência da obra realizada em nossa Igreja Mãe e de muitas outras, assim é a nossa.

À você que fez parte desta obra missionária ou

ainda faz parte (a obra não pode parar), trago a sua memória algumas lembranças; desde já pedindo desculpas por ocultar alguns fatos, talvez por esquecimento ou desconhecimento. E que essas lembranças tragam para sua vida, sobre tudo, a certeza: “O Senhor Reina e Governa todas as coisas, principalmente a vida de Seu povo”.

À você que toma conhecimento de nossa história, que ela sirva de contribuição para sua vida espiritual, dê forças para sua caminhada missionária e que seja uma obra inspiradora, incentivadora para sua vida e Igreja.

Ao Senhor nós damos toda Glória, a Ele nós suplicamos que renove nossas forças para continuarmos nossa caminhada neste passo que damos para organizar Sua Igreja nesta localidade. E a você que contribuiu e contribuí de forma direta e indireta, nosso agradecimento por sua dedicação e rogamos que o Senhor, pois somente Ele é plenamente Justo para tal coisa, possa recompensá-lo por ter trabalhado e trabalhar nesta obra.

## Capítulo I

---

### Os Primeiros Passos Contagiam

Você já reparou que quando as pessoas vão iniciar alguma coisa, normalmente, elas estão empolgadas? Lembro-me que ao anunciar à Igreja que tínhamos alugado um imóvel e iríamos começar a fazer algumas mudanças nele para iniciarmos a obra missionária, o pastor João Carlos, sendo empolgante e apaixonado, no Senhor, fez com que a Igreja abraçasse a obra com oração e participação.

Logo após algumas conversas resolvemos limpar a laje do imóvel e fazer uma escada para realizarmos os cultos no terraço da casa. Assim, o presbítero e seminarista Euzébio juntamente com o irmão Alceny começaram a fazer a escada (sob a orientação dos irmãos Romário e diácono seminarista Alexandre).

Após essa etapa, lembro-me, que teve início uma concretagem na laje, feita pelos irmãos Sérgio Batista, Macário e Carlos Eduardo. Ao fim de toda essa preparação, levamos alguns bancos usados e o pastor marcou a inauguração e consagração do “Ponto de Pregação” (informação obtida com nossa irmã Marluce esposa do pastor João Carlos) para o Dia 18 de Novembro de 2001.

Com todo Conselho presente e muitos irmãos participando, foi realizado um culto ao Senhor em que, em alguns momentos, foram feitas orações pedindo a

benção do Senhor para a nova porta aberta pelo próprio Deus.

A Igreja estava em festa, vislumbrávamos uma grande obra nesta localidade em Pavuna. É possível que algum irmão tenha discordado de tudo que fora realizado até aquele momento, porém, não tive conhecimento. Os cultos eram aos Domingos das 16:00h até 17:30h, sempre muito bem frequentado por toda Igreja; alguns iam a pé, outros pegavam carona, mas sempre bem frequentado. A animação era grande! Dia de quarta-feira, mesmo sendo meio de semana, a frequência era de cerca de 30 pessoas. A direção dos cultos e as pregações eram realizados pelo pastor João Carlos e pelos seminaristas Alexandre e Euzébio.

Foi então que, como esperávamos, apareceram os primeiros visitantes e aí sim, tornou-se mais empolgante ainda a participação dos irmãos, inclusive a nossa, pastor e seminaristas e o culto sempre com mensagens evangelísticas. Mas era o início, ainda tínhamos muito que caminhar. “A obra do Senhor não é nenhum parque de diversões ou acampamento” como diz nosso irmão reverendo Hernandes Dias Lopes.

Guiados pelo nosso pastor, adotamos algumas estratégias de evangelismo no bairro. Enquanto o pastor anunciava o Evangelho com um carro de som e convidava os vizinhos para nos visitar, saíamos entregando folhetos e intercedendo pelas pessoas. Como era de se esperar, nossa igreja teve diversas

experiências com esse trabalho, e sempre com muito entusiasmo.

Outra estratégia de evangelismo adotada pelo pastor João, foi a de utilizar uma caixa amplificadora para anunciar o culto da tarde e convidar os vizinhos, intercalando com hinos e reflexões da Palavra do Senhor, gravadas previamente pelo próprio pastor. Os irmãos, diáconos Luciano e Alexandre chegavam às 14:00h, ligavam a caixa amplificadora e distribuíam folhetos à porta até o início do culto, às 16:00h.

Com estes trabalhos, dois irmãos compareceram e acreditávamos que seriam os primeiros membros recebidos no Ponto de Pregação. A participação era frequente, mas não foi duradoura.

Neste momento, o tempo passou de aliado para inimigo de nossas ansiedades. É o que realmente se torna o tempo no mundo contemporâneo, um inimigo. Diante do aparente insucesso de nossas investidas evangelísticas começaram a surgir alguns questionamentos. Mas o insucesso era somente aparente, pois o Reino e a Obra do Senhor não são instantâneos. Longos anos passaram-se de Abrão até os nossos dias. E ainda sabe o Senhor quantos dias ainda passarão até que o nosso Cristo volte para nos levar juntamente com Ele.

Como ninguém é feito de ferro, já diz o ditado, alguns começaram a indagar se era a hora realmente de iniciar aquela obra missionária. Ouvi de alguns

irmãos e pude deixar além de minha opinião, o ensinamento das Palavras de Jesus: “...*ATÉ OS CONFINS DA TERRA*”. Brincamos que Pavuna é um dos “confins da terra”. O dicionário Aurélio diz que confins significa: raias, fronteiras, extremo longínquo. Em Atos 2.8, a palavra que Jesus usa é eskhatou (que em grego, significa extremidade). Ele ordena que levemos o Seu Evangelho até o mais extremo da terra. Assim, consideramos que onde for necessário falar do Evangelho que não seja em Jerusalém, Judéia e Samaria, significa extremo da terra.

Os comentários que dizem:” não é hora, não é bom, não pode, não dá certo...” não são novos, aconteceram com homens como Moisés, Josué, Esdras, Neemias e outros. Mas todos lidaram com isto de forma diferente. Estes comentários chegaram até mesmo de nosso pastor.

Apesar destes comentários terem ocorrido, as pessoas não os fizeram por mal. Pelo menos eu creio nisso, não sei se estou sendo romântico. Todavia, eles aconteceram e não repercutiram como as pessoas imaginavam.

Diante dos questionamentos que surgiram com o tempo e o aparente insucesso, o pastor João Carlos conversou comigo, sem a presença do Conselho, e decidimos em oração escolher alguns irmãos para tomar o trabalho com mais afinco, já que acreditávamos que estávamos no caminho certo:

“obediência”.

Após muita oração e porque não dizer muitas risadas saudáveis e gostosas, ao traçarmos e delineararmos os perfis dos irmãos para trabalharem juntamente comigo (diácono e seminarista Alexandre). Decidimos em concordância que as atividades no Ponto de Pregação, agora sob responsabilidade minha e do grupo de irmãos escolhidos, seriam realizadas nos dias e horários abaixo:

– Domingo: 8:30h às 10:30h → Culto Matutino seguido de E.B.D; 18:00h às 19:15h → Culto Vespertino

– Quarta-feiras: 19:30h → Culto e Estudo Bíblico.

Eis a lista dos irmãos escolhidos para iniciarem;

### **Listas dos colaboradores:**

- Seminarista Alexandre Figueira Ferreira
- Irmã Noêmia Lopes dos Santos Melo
- Irmã Alcinéia Cabral dos Santos, sua filhas Ritiele Cabral dos Santos e Lorraine Cabral dos Santos
- Irmã Arleida Cabral
- Irmãos Diácono Josias Maximiano da Silva e Maria Soares da Silva
- irmãos Will da Silva Grota e Adriana Soares da Silva Grota
- Irmão Sérgio Murilo da Silva

- Irmãos Diácono Sérgio do Espírito Baptista e Luzia Aredes Galiano Baptista
- Irmãos Renato Ferreira da Silva, Cícera Virtuosa dos Santos da Silva e Renato Ferreira da Silva Filho
- Irmã Hilda Godinho Serrat Franco
- Irmão Laerte Alves Vieira
- Irmão Roberto Lopes de Oliveira
- Irmã Maria Madalena dos Santos Oliveira

É válido ressaltar que a Igreja não deixou de ter responsabilidade com a obra que esses irmãos realizariam, tendo em vista que é uma Obra do Senhor e da Igreja de Costa Barros.

Todos esses irmãos foram convocados para uma reunião pelo pastor, onde foram informados da nova proposta de trabalho adotada para o funcionamento do Ponto de Pregação. Após o convite, nossa empolgação passou para os irmãos que estavam presentes e todos prontamente aceitaram o desafio. Com esta atitude apaixonada dos irmãos, o pastor passou a palavra para o irmão Alexandre que informou alguns passos que daríamos.

Assim, ficou agendado para o dia 06 de Abril do ano 2003, com a adoção da nova estratégia de trabalho, o início de nossas atividades como Congregação efetivamente.

## Capítulo II

---

### A Chamada para o Céu

*“Quem na concha de sua mão mediu as águas e tomou a medida dos céus a palmos? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra e pesou os montes em romana e os outeiros em balança em precisão? Quem criou o espírito do senhor? Ou como seu conselheiro o ensinou? Com quem tomou Ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento? Eis que as nações são consideradas por Ele como um pingo que cai de um balde e como um pó na balança; as ilhas são como pófino que se levanta. Nem todo Líbano basta para queimar, nem os seus animais, para um holocausto. Todas as nações são perante Ele como coisa que não é nada Ele as considera menos do que nada, como um vácuo com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele? (Is 40. 12 – 18)*

Estávamos orando e caminhando de acordo com tudo que havíamos programado. Estávamos perto de iniciar nossas atividades como Congregação, mas os planos de Deus são mais altos que os nossos...

Na madrugada de 28 de Março de 2003, recebemos a informação, através de nosso irmão,

diácono Sérgio da Costa Faria, que nosso amado pastor João Carlos encontrava-se internado desde a noite anterior e precisava além de cuidados, de nossas orações. Pela manhã, recebemos a ligação de nossa irmã Marluce anunciando que nosso pastor tinha sido chamado para morada celestial. Obviamente não precisamos dizer que tal anúncio nos entristeceu e levou às lágrimas; as quais novamente são difíceis de conter ao lembrar do ocorrido.

Acredito que naquele momento, a maioria dos que congregavam na Igreja, eram ovelhas que foram convertidas por Deus através da instrumentalidade de nosso saudoso pastor. Assim sendo, aqueles que o conheceram bem (como eu tive a oportunidade e privilégio) foram alimentados, batizados e conduzidos à uma vida cristã madura e de fidelidade a Deus.

“Todos” estavam no mínimo estupefatos, chorosos e como ovelhas que não tem pastor, indagavam: “e agora, o que faremos? Como será nossa caminhada”? Obviamente que estas coisas não significavam que éramos seguidores de homem, mas expressavam a mais profunda reflexão e reconhecimento que o homem reverendo João Carlos da Costa Faria era de fato o nosso pastor, que cuidou, orou, exortou, disciplinou, mas sobretudo, amou seu ministério e suas ovelhas.

E como não poderia ser diferente, a Igreja ficou chorosa por muito tempo, pois foram cerca de 21 anos de pastorado somente em nossa Igreja Presbiteriana

de Costa Barros. Por isto, damos ao Deus e Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a Honra, a Glória e toda gratidão por termos conhecido nosso irmão e pastor João Carlos da Costa Faria.

Louvamos o Nome de nosso Senhor pela vida de sua família: a ministra de música, nossa irmã Marluce da Costa Faria (esposa) e o Diácono Sérgio da Costa Faria (filho). Os quais, sempre apoiaram o ministério de nosso pastor, fazendo um belo trabalho no Senhor; que valeria escrever um livro pois certamente contaria uma bela história no Senhor.

## Capítulo III

---

### Os Que Semeiam com Lágrimas

No dia 30 de Março de 2003, Domingo, a Igreja Presbiteriana de Costa Barros se reúne em culto público para adorar ao Senhor. Este era o nosso 1º culto sem a presença do pastor João Carlos. Neste dia, passamos a ser dirigidos pelo pastorado do pastor Euzébio, conforme determinação do PMAD. Que com amor e desejo de ajudar a Igreja à qual pertenceu, inicia seu pastorado buscando forças no Senhor para nos orientar neste momento.

O pastor, após o culto matutino, reuniu o Conselho, com a participação do seminarista diácono Alexandre; Durante a reunião, entre outras coisas, decidiu-se manter o grupo de irmãos selecionados para a pregação e evangelização do bairro de Pavuna. Os irmãos também se mostraram firmes no propósito de dar continuidade à obra. Desta forma, mesmo com a partida de nosso amado pastor, começamos nossas atividades como Congregação conforme estava planejado. Nosso primeiro encontro aconteceu no Culto Matutino do 1º Domingo de Abril.

Foram fixados os seguintes dias e horários para os trabalhos:

- Culto Dominical Matutino - 9.00h às 9.45h
- E.B.D. - 9:45h às 10.30
- Culto Vespertino às 18.00h

-Quartas-feiras - Reunião de oração às 19.30h.

***“Tão somente esforça-te e não desanimes”***

Não tenho a mínima idéia do que sentia Josué quando Deus falou para ele essas palavras e as reafirmou. Mas eu precisava aprender bem o que elas significavam.

Lembro-me do dia 06 de Abril de 2003 como se fosse hoje. Era uma manhã ensolarada e quando cheguei em Pavuna com os irmãos que foram enviados para essa missão, pensei: “MEU DEUS, E AGORA O QUE FAÇO?” Estava sobre os meus ombros a missão de liderar aquele pequeno grupo que, além de ter sido liderado por um bom pastor, pregador e professor; estava choroso e muito saudoso de seu líder.

Como se isto não bastasse, este era meu último ano no Seminário de Teologia Ashbel Green Simonton e precisava preparar minha monografia para conclusão do curso de Bacharel em Teologia. Eu tinha que conciliar minhas atividades acadêmicas com a tarefa de cuidar do pequeno rebanho que precisava do alimento espiritual, isto sem falar da obra missionária que deveria conduzir.

Ah, é óbvio que jamais me esquecerei. Esse ano, 2003, marcou em todos os aspectos minha vida. Eu tinha acabado de me mudar e comecei a passar uma crise financeira muita grande no trabalho. As vendas

não estavam indo bem e as dívidas estavam para vencer. Tudo isso junto com a responsabilidade de liderar o trabalho evangelístico em Pavuna.

“Tão somente esforce-te e tem bom ânimo”, era o que não parava de passar pela minha mente e coração. Com as forças que eu acreditei ainda ter; não me perguntem como, cri que a Fidelidade de Deus nunca faltaria. E mais do que eu já tinha obedecido até então, era hora de realmente obedecer às Palavras de Jesus: “Buscai o Reino de Deus e sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Foi exatamente o que fiz, comecei um envolvimento com a obra do Senhor, mesmo em meio a uma tempestade. Desde os meus estudos no seminário, projetos missionários, até o conhecimento da necessidade do bairro Pavuna. Foi aí que começamos o “Projeto Senso Comunitário”. Este projeto trouxe uma experiência muito boa para todos os irmãos que participaram. Tanto para os que foram designados quanto um bom número de irmãos da Igreja de Costa Barros.

Saímos pelo bairro batendo de porta em porta perguntando aos moradores do Condomínio Tom Jobim o que eles acham que o bairro precisava. Após essa abordagem nos identificávamos como membros da Congregação de Pavuna e perguntávamos se havia algum pedido de oração. Sendo a resposta favorável, pegávamos nomes, datas de nascimento e se

desejassem, fazíamos outra visita. Diversos moradores aceitaram, o que vimos como uma grande porta aberta para nosso trabalho na Pavuna.

Mas o trabalho não era tão simples. Este projeto dependia de muitas coisas. Uma delas, obviamente, era que o projeto requeria grandes esforços do pequeno rebanho que eu pastoreava. Então eu precisava fazer duas coisas – trabalhar para que as coisas acontecessem e incentivar o grupo.

E o grupo que trabalhava na Congregação vivia alguns conflitos; pelo menos por parte de alguns. Eu diria que esses conflitos eram fundamentados em hábitos, tais como: “eram de uma Igreja que já tinha toda sua organização, estruturada e adaptada. Sua liderança já trazia determinada segurança que não havia, e nem teria como haver, na Congregação”.

Tudo dependia deste grupo que não estava nada habituado a fazer. Precisávamos de organista, alguém para recepcionar, professor de crianças, adolescentes, alguém para buscar e levar os irmãos para Costa Barros e muitos mais, sem falar nos recursos financeiros que não tínhamos nenhum.

Ainda existiam as limitações e dificuldades no próprio imóvel que era alugado. Precisava de muitas reformas. O local onde nos reunimos para o Culto não havia janelas, era um terraço com meias paredes, e por ser um lugar alto, no frio o vento levava-nos a crer que era o lugar mais frio no Rio de Janeiro e no calor a

ventilação não era suficiente. Todas essas coisas e outras mais que poderíamos dizer, eram coisas que desmotivavam o pequeno rebanho do Senhor que atuava nesta localidade.

MAS, o que talvez tenha sido o mais desmotivador com o passar do tempo foi que ouvíamos muitas vozes dizendo que era um erro nosso trabalho em Pavuna. Que não era a hora, que estávamos atrapalhando e/ou prejudicando a obra em Costa Barros (confesso que este foi o principal motivo para começar escrever um livro, por enquanto, intitulado: “A DIFÍCIL MISSÃO: Convencer os cristãos que a missão é de Deus”).

Como é normal em quase toda obra missionária, os frutos não vieram rapidamente. Foi assim, com o jovem pastor Timóteo. Passou cerca de um ano e meio sem receber ninguém por profissão de fé e batismo. O desânimo tomou parte de alguns que cheios de saudades da convivência e da comunhão com a Igreja mãe, decidiram me procurar e falar da decisão de retornar para Igreja de origem.

Quando o primeiro tomou a decisão, logo surgiram outros. Confesso que não me decepcionei e nem mesmo poderia, mas precisávamos voltar para nossa realidade. O grupo que já era pequeno ficou ainda mais reduzido. Todavia, algo aconteceu que não esperávamos; alias, é algo que acontece até hoje. Não sei se isso acontece em outros lugares, mas aqui em Pavuna acontece. À medida que alguém precisava sair

da Congregação, Deus sempre enviava outros. E eu passei a perceber que era a boa mão de Deus sobre novas vidas confirmando nosso trabalho.

É claro que esta experiência foi um certo conforto diante de tantas dificuldades, mas ainda não era o suficiente. Querendo ajudar na obra missionária que fazíamos, o irmão Robson, que morava próximo à Congregação passou a frequentar e participar dos trabalhos. E com um grande desejo de contribuir cedeu sua casa para que houvesse uma célula de estudo. Após ter sido aprovada pelo Conselho e aprovada, o pastor Euzébio deu abertura no trabalho com oração consagrando o trabalho.

Com este trabalho passaram a frequentar 25 crianças, sendo 6 delas juvenis. E com a devida permissão dos pais, essas crianças passaram a frequentar a Congregação, sendo necessário criar mais uma classe de E.B.D.; o que no início foi muito bom, mas aos poucos tivemos dificuldades, pois era necessário buscá-las em casa. Devido a falta de estrutura o trabalho de célula precisou de ser encerrado. E apesar de as crianças terem continuado na Congregação nossas condições eram limitadas. Tínhamos poucas pessoas para muitas tarefas e muitas dificuldades e limitações. O tempo passava e precisávamos de muitas coisas. Uma delas era melhorar um pouquinho nosso som. Como não tínhamos arrecadação de dízimos e ofertas, pois todos

dizimavam e ofertavam na Igreja mãe. Assim, com a permissão do Conselho fizemos uma campanha para comprar um amplificador para melhorar o anúncio do culto. Definitivamente esta foi a primeira aquisição que tivemos na Congregação, a primeira de muitas.

Apesar de não haver recursos financeiros, precisávamos melhorar muitas coisas. Nossos cultos eram quase à capela, tínhamos acompanhamento apenas de três ou quatro flautas, os bancos eram muitíssimo usados, vire e mexe rasgava a roupa dos irmãos. Entretanto, esperávamos sempre uma providência divina. Um dia, a filha de uma irmã que trabalha na Congregação, após receber uma certa quantia em dinheiro, ficou desejava de doar R\$ 500,00. No entanto, como todo dinheiro era levado para Igreja mãe, pedimos ao Conselho se poderia deixar esse valor na Congregação para comprarmos um teclado usado. Prontamente atendidos, fizemos uma aquisição com a presença do Rev. Euzébio e Pb Manoel Galdino. Este foi mais um passo que demos e agradecemos a Deus. Hoje em dia, realizar Culto quase à capela é muito difícil, pois as Igrejas estão investindo cada vez mais em instrumentos. Mas ainda faltava o que é mais fundamental do que o teclado: alguém para tocar.

Fizemos então mais um pedido ao Conselho: se poderiam enviar nossa irmã Alcinéia para o curso de teclado. Mas, devido algumas dificuldades que a igreja mãe enfrentava, o Conselho achou por bem não enviar

a irmã para o curso. Todavia, devido a motivação da irmã e com a permissão do Pastor Euzébio, enviamos a irmã Alcinéia juntamente com a irmã Sonia para o curso, custeado por um irmão e sempre que possível, com uma contribuição do pastor Euzébio.

Não demorou muito tempo, os prelúdios passaram a ser tocados no teclado; e por mais simples que possa parecer, isso alegrou muito a todos os irmãos. Não somente alegrou, como também nos incentivou. Vimos que poderíamos avançar muito mais, bastava colocar nossos joelhos no chão e orar pedindo sabedoria para como lidar com o tempo de escassez e trabalhar.

Mas os desafios pareciam não acabar. Ainda havia irmãos que estavam desestimulados, cansados e com dificuldades pessoais. Irmãos com plantão no trabalho e precisando trabalhar horas extras; como o número já era pequeno, ficava reduzido ainda mais.

NÃO SERIA A HORA DE PARAR? Parecia que diante todas essas coisas havia alguém com uma trombeta fazendo esta pergunta. Confesso que por mim mesmo já teria desistido há muito tempo. Era muita pressão por todos lados, chorar seria a solução? Em qual ombro eu poderia realizar tal desabafo? Para liderança da Igreja eu demonstraria fraqueza e ainda confirmaria os comentários: “Não dá certo;... esse trabalho só divide;... teimosia;...”. Para os que estavam comigo, eu revelaria total falta de controle.

Quantas vezes tive que afirmar para mim mesmo:

“DEUS ESTÁ COMIGO;... DEUS ESTÁ NESSA OBRA;... ESSA É A SUA VONTADE;...”. Dou graças ao nosso Deus que em todo esse tempo minha esposa não me cobrou o fato de estar passando por situação financeira terrível, sem recursos sólidos, sem poder dar para ela uma condição melhor. Em todo o tempo ela dizia, estou com você, o que você decidir eu concordo.

Entretanto, com todas essas experiências, outras apareciam revelando que ninguém nunca vai deixar de aprender. Nosso irmão Robson, por motivo pessoal precisou sair da Congregação; e como era de se esperar, as crianças que iam com ele também. Pensamos: “parecia que ia tudo bem dessa vez?” Mas Deus jamais deixou que desanimássemos diante de tantos acontecimentos. Nossos irmãos Diácono Wagner, sua esposa e filho sentiram-se atraídos pelo trabalho que realizávamos. Pedindo permissão ao pastor Euzébio, passaram a frequentar nossos trabalhos. Realmente, a chegada dos irmãos foi muito motivadora para todos. O laço de amizade, o talento e a dedicação desses servos deu outra dinâmica aos cultos. Como nosso irmão possuía carro, deu também uma enorme ajuda, pois o então Licenciado Alexandre (hoje pastor da Igreja), precisava realizar duas viagens com o seu carro para levar os irmãos para a Congregação, assim como para trazê-los de volta para Costa Barros.

Víamos que esses acontecimentos eram tão bons

que esquecíamos todas as dificuldades por um tempo. É claro, por um tempo! Nos dias de chuva, eram muitas goteiras, precisávamos arrastar o banco. Sem janelas, sem porta, passávamos muito frio no inverno e no verão muito calor. Vejam, tudo isto aconteceu e está registrado neste livro e em fotos. Mas ainda assim, recebíamos visitantes regularmente.

Diversos trabalhos foram realizados, seja com crianças ou adultos, conseguimos diversas vezes colocar dentro do nosso salão de culto cerca de 80 pessoas. GLÓRIA A DEUS! “Não havia nada que pudesse prender ou dar conforto para nossos visitantes”. Bancos que estavam manchando e rasgando a roupa dos irmãos, goteira por todo telhado, sol, frio e vento entrando no salão, culto quase à capela, microfone com microfonia; nada era atrativo! Somente pelo Espírito Santo e por amor a obra do Senhor para continuar o trabalho. Todavia, nós sabíamos que esses não eram privilégios - brincadeira, é claro - apenas nossos e nem mesmo fomos ou seremos os únicos a enfrentar estas dificuldades. Por este motivo, resolvi estudar com a Igreja sobre as obras missionárias e a ação do Espírito Santo de Deus em Atos dos Apóstolos.

A Bíblia falava – e fala – grandemente aos nossos corações, sentíamos a nossa realidade próxima dos nossos irmãos em Atos; obviamente, contextualizada. E as experiências não paravam de acontecer. Uma

família, dentre várias que passaram, se aproximou e se identificou muito com nossa comunhão, esforço e trabalho; os irmãos: Lupércio, sua esposa Jovelina e seus filhos Douglas e Davidson. Como eles moravam perto da Congregação, estavam sempre em nossos cultos e o nosso irmão Will começou a discipular nosso irmão Lupércio. Achávamos que ele seria o primeiro membro batizado da nossa Igreja. Mas Deus reservava outras coisas. Fizemos dois ou três cultos na casa de nossos irmãos e sempre nos recepcionavam maravilhosamente bem. Todavia, eles planejavam retornar para o nordeste, o que veio acontecer não muito tempo depois. E como os planos de Deus e seus pensamentos são inescrutáveis, a saudade que sentimos dos irmãos também durou pouco. Pois alguns anos depois, o irmão Lupércio e sua família voltaram para o Rio de Janeiro, por motivo de necessidade do serviço. Hoje a família está novamente conosco, sendo os meninos já adolescentes batizados em nossa Igreja. Mas não foram os primeiros membros de nossa Igreja.

As pressões persistiam e as necessidades continuavam, mas o trabalho não podia parar. Numa quarta-feira de estudo Bíblico, estava ventando e chovia bem fininho. Arrastamos os bancos e colocamos para uso apenas três bancos que ficaram diante do púlpito. Lembro-me como se fosse hoje! Fechei os olhos para orar enquanto o prelúdio tocava ao som da flauta; tinha apenas seis irmãos no dia. Quando abri os

olhos para saudar a todos, fiquei estupefato quando vi que havia sete adolescentes, que resolveram naquele mesmo dia, enquanto brincavam perto da Congregação, fazer uma visita. Deus envia cada incentivo, que realmente fico sempre surpreso. Após, o trabalho perguntamos os nomes dos adolescentes e o que parecia liderar, alegremente tomou a palavra e respondeu, firmando que gostou muito e que voltaria.

Brincadeira de adolescente?! Porque voltariam, não havia adolescentes para essa aproximação. Tínhamos a irmã Juliana e o Renato Filho, que tímidos, teriam dificuldades de dar a devida atenção que o adolescente requer. Não, não era brincadeira, eles voltaram e frequentaram por um bom tempo nossa Congregação, mas como era de se esperar, não permaneceram, não tínhamos nem som direito, como acolhê-los?!

Hoje, eles são jovens e quase todos são membros de uma Igreja, graças a Deus. O líder daquele grupo ainda é nosso vizinho e, vire-e-mexe nos visita. Estas coisas nos deixavam tão encafifados que até minha esposa que nunca foi de dizer nada, certa feita me perguntou: “o que será que acontece, as pessoas aparecem, gostam, voltam outras vezes, mas não ficam”? Olha que muita gente já nos visitou. Algumas pessoas que hoje são membros da Congregação contam, apesar de eu não lembrar, que já haviam nos visitado algumas vezes no passado, embora não

tenham se firmado na ocasião. Porque as pessoas não ficavam, sinceramente, é uma pergunta que não tenho como responder.

Nossas irmãs Alcinéia e Sonia iniciaram duas classes de aprendizado de flauta, uma de crianças e outra de adultos, nas tardes de Domingo. Todos demonstravam, dentro de suas capacidades, grandes esforços, inclusive para realizações de mutirões, onde realizávamos conserto de telhado, conserto elétrico e outros.

O trabalho era muito, a mão de obra e os recursos eram poucos, mas havia produtividade. Por outro lado, as outras coisas iam acontecendo e de forma maravilhosa. Minhas finanças regularizando, obviamente, com muito trabalho no meu ramo secular, a formatura já tinha acontecido e se aproximava dois acontecimentos maravilhosos: o primeiro era o nascimento de mais um filho, Estevão Ferreira; o segundo é a minha ordenação ao ministério sagrado da Palavra. O que aconteceu quase no mesmo dia. De fato, um renovo, uma bênção grandiosa em nossas vidas.

Mas voltemos ao nosso trabalho missionário em Pavuna. Com tantos acontecimentos e notícias de nosso empenho, o diácono Alexander resolveu também ir para Congregação a fim de ajudar, mas devido algumas dificuldades pessoais, não foi possível permanecer, passando a frequentar a Igreja próxima

da sua casa.

A frequência nos trabalhos era de cerca de 15 irmãos aos Domingos e entre 6 e 9 irmãos às quartas-feiras. Na quarta estudávamos a doutrina: “Providência Divina” e aos Domingos pela manhã, na E.B.D., o Livro de Atos. Mais do que nunca precisávamos de uma resposta. Não para quem nos pedia, mas para nós mesmos. Afinal, o fruto do nosso trabalho viria ou não? Se viria, quando?

A espera parecia cada vez mais longa, Deus parecia tardar a nossa colheita; isso mexia e muito com a fé de todos. Estaríamos nós fadados ao fracasso; será que aqueles que questionavam a continuidade da Congregação em Pavuna estavam certos? Devido à necessidade deveríamos fechar as portas da Congregação e voltarmos? Estas e muitas outras perguntas e palavras chegavam aos meus ouvidos. É engraçado, mas ouvi até dizer que eu era cabeça dura, teimoso e que não sabia ouvir. Claro que é engraçado agora, mas na hora pensei: “será?”

***“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que possais suportar”.***

Pensei que já tinha passado por tudo, mas a cada

dia debaixo do céu que nosso Deus criou, sempre haverá uma nova experiência. Dos que estavam na Congregação, alguns retornaram, outros foram para Igrejas próximas de suas casas. Ficando apenas um total de 9 irmãos. Desses 9, um terço achava que era preciso sair do local onde nos encontrávamos (o mesmo de hoje e desde o início). Isso passou a gerar um certo desconforto entre o grupo.

Em Fevereiro de 2006, como sempre faço, tiro uma ou duas semanas de férias. Neste ano resolvi tirar apenas uma semana para refazer as forças. Confesso que em toda a viagem de ida para Minas; que é o lugar para onde normalmente vou, pensava e orava pelas vidas que ainda estavam sob meus cuidados pastorais. Em toda semana, não passava outra coisa pela minha cabeça. Até que descendo a serra da Mantiqueira, retornando de viagem, vendo toda a paisagem que a serra tem, comecei a falar com Deus. De fato, foram essas as palavras que surgiram em meus lábios: “Senhor, se Tu preservas esta linda criação e cuida; muito mais de mim e do pequeno rebanho que pastoreio. Amanhã, quando eu estiver com o seu povo vou deixá-lo decidir se continuamos ou não, pois não tenho mais nenhuma força”.

Nesse entra e sai de irmãos para realizar a obra, estava conosco nesta época, o presbítero Luciano e família. Ainda na noite de Sábado, quando cheguei de viagem, comuniquei a ele minha decisão e oração.

Sem dizer se concordava ou não, apenas ouviu. Eram muitas coisas que passavam pela minha cabeça, eu não sabia mais o que fazer. A ansiedade era grande e apesar de ter ficado longe dos irmãos apenas uma semana, eu não sabia o que estavam pensando e nem mesmo querendo naquele momento.

Logo pela manhã, no meio do culto, entra pela nossa porta, uma família – irmã Ilma e suas filhas Iqueilane e Ingrid. Fiquei temeroso, pois o que eu precisava conversar com os membros depois do culto era algo que elas não poderiam ouvir, pois com certeza revelaria ainda mais nossa dificuldade para permanecer neste lugar. Mas após o término do trabalho naquela manhã, não voltei atrás, estava decidido. Depois de recepcionar e conhecer nossas irmãs e visitantes, expliquei o mais carinhosamente possível a elas que haveríamos de tratar algo muito pessoal e que precisava ficar à sós com os membros. Pedi que nos perdoassem tal inconveniente e convidei para que voltassem à noite, pois seria um prazer recebê-las. Um pouco sem jeito, elas saíram, e pensei: “essas é que realmente não voltam”.

Com olhares de surpresa, os irmãos não tinham idéia o que eu iria dizer. Após externar toda nossa trajetória e dificuldades, que eles sabiam muito bem. Disse que não poderia como líder, pastor, dar mais um passo sem que eles revelassem também seus pensamentos acerca de nossa realidade. Para espanto

meu, pois temia o que poderia ouvir, apenas duas irmãs queriam mudar de local, os outros achavam que não podíamos parar. Isto alguns dias atrás seria motivo ou combustível para muitas empreitadas. Mas agora era eu quem estava cansado. Todavia, como todos decidiram continuar e a maioria achava que deveríamos continuar no mesmo local. Estávamos para encerrar o trabalho como sempre fazemos, com oração e Bênção Apostólica. Mas Deus conhece o nosso interior e sabe perfeitamente quando não aguentamos mais. Precisávamos de mais alguma coisa e Deus sabia perfeitamente o que era. Quando olho para porta, vejo os Reverendos Euzébio e Josias Sistons entrando para falar com a gente. Ficamos muito surpresos, eu mais do que os irmãos, pois tinha acabado de chegar de viagem. Passei a palavra para os pastores antes de encerrar e o Rev. Josias disse que sua ida até a nossa Congregação era porque tinha um planejamento para implantar um trabalho missionário no presbitério e como a nossa Congregação faz parte do presbitério, queria ajudar levando a proposta para que nosso Concílio ajudasse.

Quase não consegui segurar as lágrimas, perguntei se o nosso pastor Euzébio concordava, não havendo problemas, disse para os pastores que aquela palavra era uma resposta para nossas orações. Com certeza foi um renovo, então prometi entregar para o rev. Josias todo histórico do nosso trabalho até o

momento. Pedi que fizessem a oração final e impertrassem a bênção Apostólica, e mais uma vez, segurei as lágrimas.

No mesmo dia, no culto vespertino, recebemos as irmãs que nos visitaram pela manhã e eu particularmente fiquei muito contente, pois era sinal que não se ofenderam com meu pedido.

Com as forças renovadas, resolvemos pedir ao Conselho se o horário do culto poderia passar das 18h para 19h. Sem nenhuma objeção, mudamos a placa que anunciava os horários de culto. Logo, tivemos um retorno com uma frequência melhor dos irmãos. Isto também contribuiu e muito para nossa caminhada.

Para minha maior alegria naquele momento, a irmã Ilma me procurou e disse que ela e suas filhas queriam se tornar membros de nossa Congregação. Eram os primeiros membros: irmã Ilma, membro comungante e suas filhas, membros não comungantes. Avisamos o Conselho, que alegremente recebeu a notícia e disse que eu poderia recebê-la depois de ouví-la. Como a irmã Ilma já tinha sido membro de uma Igreja Presbiteriana do Brasil, não foi difícil examiná-la e recebê-la.

Este dia foi de muita felicidade para todos nós. A alegria estava estampada em nossos rostos. O fruto estaria começando aparecer? Era a hora da colheita ou um sinal do Senhor para mostrar que Ele cuida de nós? Nós não sabíamos, mas estávamos alegres demais

com essa chegada.

Agora era só esperar a resposta do Presbitério e anunciar que temos obtido resposta aos esforços do nosso trabalho. Eu contava os dias para nossa reunião no PMAD. Pedia sempre que os irmãos lembrassem de orar pelo nosso Concílio. Falava para os irmãos sobre como seria bom ter a contribuição do Presbitério. Seria realmente uma ajuda e tanto, em todos os sentidos, de mãos de obra, oração e financeiro. Precisávamos e muito dessa ajuda, iria dar um avanço e tanto na obra missionária na casa do Senhor. Interessante que jamais imaginei que poderíamos buscar ajuda no Concílio Superior. Mas ela veio e no momento certo.

Todavia, não da forma como esperávamos. O Senhor tem os seus planos e eles são inescrutáveis. Procurar entendê-lo nem sempre é a melhor coisa, pois poderá ser que Ele não queira revelar no momento. O nosso Presbitério se reuniu, ouviu o planejamento e não aceitou. Foi como uma cachoeira inteira caindo sobre minha cabeça. Mas minhas forças tinham sido restabelecidas. Eu precisava me voltar para os irmãos que aguardavam ansiosamente uma resposta e para o trabalho que não podia parar.

## Capítulo IV

---

### **Voltarão com Júbilo, Trazendo os seus Feixes**

Tomado conhecimento da resposta do presbitério, reconhecemos que Deus tinha uma plano ainda maior para nossa Congregação, mas ainda não era hora de conhecermos que plano era esse. Bom, o que fazer? Lamentar? Murmurar? Este com certeza não é o meu temperamento!

No ano de 2007, apresentei o relatório ao Conselho da Igreja e já que éramos tão poucos, pedi que as ofertas dos irmãos que congregavam em Pavuna ficassem na Congregação. O pedido foi aprovado e o nosso irmão Diácono Wagner foi designado como tesoureiro. Com a arrecadação conseguimos levantar as paredes laterais do salão de culto e colocar portas e janelas. Foi outra grande conquista!

Depois, passamos novamente por aquela nossa experiência: entrada e saída de irmãos da Congregação. Mas sempre que alguém precisava sair, quer por mudança de residência ou outros motivos pessoais, Deus sempre enviava outros para ajudar no trabalho.

Começamos vários cursos: tricô, crochê e aulas de reforço escolar. Estes trabalhos sempre dão bom resultado. Logo a vizinhança foi tomando conhecimento de nossos cursos e foram participando. Bem mais para

frente, do fruto desse trabalho recebemos três irmãos por transferência e batizamos quatro. Nosso trabalho não podia parar e mesmo limitados e ainda com muitas dificuldades, continuávamos olhando para o que o Senhor estava preparando.

Quanto ao nosso presbitério, não desistimos, fizemos mais um planejamento pedindo ajuda, e este também não foi atendido. Resolvemos pedir, através de nosso Presbitério, ajuda a algumas igrejas jurisdicionadas, para que pudessem enviar durante um período entre 2 e 5 anos, uma contribuição de R\$ 200,00. Esta contribuição reduziria a cada ano até ser retirada, quando a Congregação já teria condições de se manter. Esperamos a resposta ansiosamente, e acreditávamos que pelo menos duas ou três igrejas nos ajudariam, mesmo que de outro Presbitério. Parecia ser uma ajuda tão pequena para elas, mas de grande valor para nós. Entretanto, das igrejas que responderam, nenhuma foi favorável por razões administrativas.

Vi todas essas coisas como se fossem uma resposta de Deus para nós: “Precisávamos andar com nossas próprias pernas, dependendo única e exclusivamente de Deus”. Nesta época, à pedido, o Conselho da Igreja de Costa Barros liberou os dízimos e ofertas dos irmãos em Pavuna para ficar sob a administração direta da Congregação e a partir daí passamos a pagar o aluguel, luz e água. Era pouco, mas dava para comprar alguns materiais que faltavam.

Em todo esse tempo, a Congregação não tinha condição de dar nenhuma ajuda de custo ao seu pastor. Todavia, Deus supria todas as coisas e mesmo em dias de dificuldades pastorais, o Senhor permaneceu Fiel como sempre foi e será eternamente.

O panorama de como estávamos naquele momento era: cultos mais dinâmicos, tínhamos bateria, violão, caixas de som e ventiladores. Tudo adquirido com dinheiro obtido através de doações de pessoas que não eram da igreja ou através de campanhas de arrecadação. Realmente sabemos o que significa crescer um pouco a cada dia.

Havia ainda muitas lutas e dificuldades a serem vencidas. Muitos comentários ainda faziam a nosso respeito. Como se estivéssemos errando em todo nosso comportamento. Mas isso já não era tão incômodo como no início.

Recebemos novos irmãos da comunidade e implantamos novos trabalhos. A Congregação crescia e atualmente, saíam apenas aqueles que mudavam de residência. Fomos recebendo diversos irmãos, seja por batismo ou por transferência. Realizamos diversos trabalhos nesse ano. Criamos um trabalho chamado: “pré-vestibular”, com a participação de duas irmãs lideraram e o pastor supervisionou.

Podemos dizer que apesar das necessidades, foi um ano muito bom e de muitas conquistas, em todos os aspectos.

Chegado o final do ano de 2007, aconteceu algo que abalou por um pouco de tempo minha estrutura e convicção. Em uma reunião Ordinária do Presbitério, na madrugada de Domingo, o Presbitério decide enviar uma comissão para trabalhar na Igreja de Bento Ribeiro. E nessa designação, dois pastores iriam pastorear a Igreja, e eu era um deles.

Lembro-me que esta decisão aconteceu em reunião, às 2:30h da madrugada, sem poder voltar atrás, de certa forma, fiquei espantado. Um amigo pastor se aproximou de mim e perguntou se eu estava preocupado com a decisão, com o novo desafio. Não, naquele momento, mesmo sem conhecer a Igreja e sabendo de suas necessidades, minha preocupação não era com a Igreja de Bento Ribeiro, e sim, com a Congregação de Pavuna.

Esta decisão me afastaria dos trabalhos regulares da Congregação. E confesso, fiquei espantado demais. E agora, como os irmãos viriam essa minha “saída”? O povo se afastaria já que o pastor não estaria tão presente como sempre esteve? O pastor dividindo o tempo que tinha com outra Igreja enfraqueceria o trabalho? Todas essas coisas passaram pela minha cabeça.

Por um momento esqueci que a Igreja é de Deus e não minha. Nesta mesma decisão, o Presbitério decidiu enviar o seminarista Valderlei – hoje pastor – para ajudar-me principalmente, na minha ausência. Assim,

fiquei no ano de 2008 trabalhando na Igreja de Bento Ribeiro e ajudando também a Igreja de Rocha Miranda, pois o relator da comissão que atuava em Bento Ribeiro, era pastor de Rocha Miranda nessa época; o pastor e amigo reverendo Benedito.

Essa parceria, minha e do seminarista Valderlei, deu muito certo na Congregação. O seminarista passou a atuar em todos os trabalhos juntamente com sua esposa, a irmã Alessandra. Ambos trabalhando, deram um suporte importantíssimo, aliás como tem feito até a presente data.

Para suprir essa minha “ausência”, que temia não ser boa para a Congregação de Pavuna, imediatamente após os cultos em Rocha Miranda ou Bento Ribeiro, pegava meu carro e vinha às pressas para Congregação, nem que fosse para me despedir dos irmãos. Eu acreditava que essa minha conduta revelava o meu enorme interesse de estar com eles. O que de fato era verdade.

E isso também deu muito certo, com meus esforços eu pedia e cobrava dos irmãos a presença e a dedicação na Casa do Senhor. Nas Igrejas de Bento Ribeiro e Rocha Miranda, também graças a Deus dava muito certo. Na Igreja de Bento Ribeiro a parceria com o pastor Benedito deu tão certo que a Igreja queria que ficássemos juntos trabalhando. Obviamente, como meu desejo era formar Igreja em Pavuna e para isso trabalhei esse tempo todo, não seria agora que voltaria

atrás.

Estava envolvido em muita coisa. Desde o Reino do Senhor, os irmãos que também acreditaram e se empenharam no trabalho e principalmente, vidas que precisam ser evangelizadas em Pavuna. E por essas, Jesus veio ao mundo, morreu e ressuscitou.

Mesmo estando em outras Igrejas, nossos trabalhos não pararam, desde cursos, visitas, doutrina e evangelismo de bairro. Todas essas atividades estavam sempre acontecendo. Porém, apesar do tempo ser algo favorável em nossas vidas, muitas vezes o consideramos como inimigo. Tempo é algo que nosso século considera fundamental e somos levados a apressar todas as coisas na vida.

Como iniciamos o trabalho em Pavuna no ano de 2001, por causa do tempo, algumas pessoas pareciam não acreditar na possibilidade de organização da Igreja em Pavuna. Aliás, há um tempo limite para a implantação do Reino do Senhor? Se há, é preciso avisar os missionários espalhados pelo mundo, principalmente os do Oriente, pois estão há anos em lugares distantes de suas famílias por causa da obra do Senhor.

Graças a Deus que a obra é dEle, se não fosse, possivelmente o trabalho em Pavuna já tinha parado; o ser humano definitivamente precisa do Senhor para realizar Sua obra. Assim, no ano de 2008, meu receio ia passando e pudemos receber outros irmãos por

profissão de fé e batismo. Nossos cultos estavam cada vez melhores, o coral crescia e os visitantes frequentavam regularmente os trabalhos.

Deus enviou ajudas preciosas, a Congregação recebeu irmãos por transferência à pedido e por jurisdição. Estávamos animados com todos os acontecimentos. No entanto, o que sempre aconteceu continuava; alguns irmãos precisavam mudar de residência e somente por este motivo, saíam da Congregação.

Passaram os anos 2009 e 2010 e não precisei mais trabalhar na Igreja de Bento Ribeiro. Ela já tinha o seu pastor e caminhava muito bem. Mas devido alguns acontecimentos fiquei ainda trabalhando em Rocha Miranda. Nosso irmão Valderlei, como sempre, continuou nos ajudando grandemente e sempre funcionando nossa parceira. Todavia, comecei a perceber e não podia ser diferente, que a Congregação começou a sentir muita falta de seu pastor.

Mas como estava envolvido demais na Igreja de Rocha Miranda não podia simplesmente retornar ao trabalho. Foi quando percebi que apesar de Deus estar sempre abençoando, se eu estivesse mais presente na Congregação, talvez o número de pessoas que estavam saindo reduzisse; talvez.

Foi então que percebi que era hora de voltar para trabalhar somente na Congregação. Mas como fazer isso? Assim como as coisas aconteceram para que eu

fosse parar em outras Igrejas, aconteceu para que eu retornasse. Nosso Presbitério se dividiu e a Igreja de Rocha Miranda ficou de um lado e a Congregação do outro. Mesmo sendo muito bem aceito na Igreja; minha decisão era muito bem definida, ficar em Pavuna.

Fazendo uma comparação dos anos que passei trabalhando em outros lugares, achei que poderíamos ter organizado em Igreja, mas há o tempo de Deus para todas as coisas. De 2008 a 2011 recebi muitos irmãos, batizei muitos outros, mas lamentavelmente outros tiveram de sair. Se não tivéssemos essas saídas, teríamos mais de 80 membros comungantes. O que é mais do que suficiente para organização.

E o que é melhor, o clima em nossa Congregação é de amor, carinho, respeito e comunhão. Alguns pastores nos honraram com a presença e trouxeram mensagens de Deus para nossa vida. Todos, definitivamente todos que vieram e nos visitaram saíram dizendo que nossa Congregação é amorosa e sabe recepcionar.

Apesar de haver número suficiente para organizar, nossa arrecadação ainda não era suficiente e isso nos é exigido em nossa CI/IPB. Como já tínhamos organizado nossa SAF, passamos a voltar toda nossa atenção para o nosso projeto: “adquirir uma propriedade”. Nós já tínhamos um pedido na Prefeitura do Rio para doação do terreno ao lado, mas mesmo insistindo não conseguimos; até o presente momento,

nenhuma resposta.

Decidimos então fazer um planejamento e buscar auxílio em todos os lugares, a começar por nós mesmos. Criamos o projeto para compra de um terreno e construção do Templo; chamado: “Contribuir para Construir”. Nos voltamos totalmente para este projeto e pedimos ajuda a diversas pessoas, mas como sempre, estranhamente, Igreja nenhuma pôde ajudar.

Nosso projeto deu continuidade com o grande esforço do grupo que liderava e a participação de toda Congregação. Alguns irmãos de outras Igrejas também contribuíram e ficavam alegres em participar. Fizemos um bom caixa por causa deste projeto mas não era o suficiente ainda para comprarmos nosso terreno.

Tendo retornado totalmente no ano de 2011 para Congregação, comuniquei tal acontecimento para os irmãos. Que de agora em diante não precisaria mais sair para ajudar as outras Igrejas. Com este anúncio tomei um outro susto. A alegria foi tão grande que os irmãos deram gritos de alegria e glória a Deus “pelo meu retorno”; ao final do anúncio, recebi parabéns de quase toda Congregação.

Confesso que houve uma mistura de alegria, satisfação, mas também de espanto. Será que prejudiquei os trabalhos na Congregação? Se eu não tivesse saído efetivamente estaríamos bem mais adiantados? Comecei a olhar por essa ótica e foi aí que percebi que íamos organizar Igreja em breve. Comecei

então a incentivar a todos os irmãos e anunciar que íamos organizar, sem falar nenhuma data.

Nossa arrecadação ainda não era suficiente e tornava-se ainda um pouco mais difícil, pois outros irmãos que trabalhavam bastante nos serviços e eram dizimistas fiéis, tiveram de se mudar. Mas estávamos acostumados e nossa experiência sempre foi a mesma; saíam dois irmãos entravam no mínimo dois. Com as dificuldades também já estávamos acostumados, o que era “novo” eram os furtos. Devido a venda de crack, Pavuna se tornou, não muito distante de nós, uma cracolândia. Não sei de onde o governo tirou esse nome, mas por enquanto é a única coisa que soube definir.

Vire-e-mexe somos afetados por causa desses usuários de drogas. São pessoas dignas de pena, misericórdia, mas elas trouxeram vários prejuízos para nós.

Com a virada do ano, entramos 2012 decididos e com projeto de organização em Igreja. Para isto, precisávamos de preencher todas as exigências da CI/IPB. Nos voltamos para todas as exigências e vimos que já tínhamos condições plenas para organização.

Com a nova Mesa Administrativa e o Conselho da Igreja mãe, fizemos várias reuniões e tomamos a decisão de olhar um pouquinho para o terreno ao lado da Congregação. Com a devida permissão da Mesa Administrativa e do Conselho, passamos a procurar o

dono do terreno na Região Administrativa do Bairro, na Secretária de Urbanismo e na própria Prefeitura do Rio de Janeiro. Nenhum desses órgãos soube informar quem definitivamente é o dono.

Assim, tomamos a decisão, justamente após a idéia de um irmão; de limpar o terreno e usá-lo como garagem e atividades. Levamos essa ideia à Mesa e ao Conselho, ambos concordaram. Conversamos com alguns pastores e presbíteros de nosso Presbitério, que também concordaram com a idéia.

Desde então, temos usado o terreno ao lado. Por outro lado, os incentivos para organizar não podiam parar. Como sempre fazemos todo mês, saímos pelo bairro evangelizando. Fizemos culto ao ar livre nas esquinas. Criamos os chamados cultos nas residências que tiveram, como sempre, uma boa aceitação. Normalmente, depois do culto ao ar livre e evangelismo, sempre recebemos visitas frutos desses trabalhos.

Pavuna é um bairro muito grande e sofreu nos últimos anos uma migração que levou um crescimento populacional e comercial. Os que são do Senhor estão com certeza neste lugar e por isso, precisam ser apascentados. Ter uma Igreja Presbiteriana do Brasil em Pavuna é fundamental. Foi assim que chegamos com a documentação em nosso Presbitério – PNRJ – que passará em breve a ser – Presbitério de Bento Ribeiro.

Um Presbitério recém organizado, já formou uma Igreja – Igreja de Fazenda Botafogo – agora estava a passos largos para organizar a 2ª Igreja Presbiteriana em Pavuna. Nós estamos como quem sonha, parece que estamos nas nuvens; muitas lutas, lágrimas, insistência e sobretudo oração e dedicação.

Chegamos a esse momento de organização pelos esforços de todos os que passaram por esta Congregação. Do menor ao maior, do mais novo ao mais idoso. Este não é um trabalho de um homem ou de um grupo, este é o trabalho do Reino do Senhor. Dos servos que estão neste mundo para pregar o Evangelho de Jesus Cristo, nosso Salvador.

Enviamos para o nosso Presbitério no mês de Abril toda nossa documentação juntamente com um pedido para que, se possível, o Presbitério organizasse nossa Igreja em 17 de Novembro de 2012; data em que a Congregação completará 9 anos de trabalho, resultado do grupo que foi enviado para o bairro de Pavuna.

Após a Executiva do nosso Presbitério analisar e aprovar nossa documentação, levou-a para o plenário avaliar. No dia 27 de Outubro de 2012, nosso Presbitério reunido na Igreja Presbiteriana de Fontinha, decidiu por unanimidade organizar a 2ª Igreja Presbiteriana de Pavuna. Damos glória a Deus por este acontecimento.

Assim, atendendo ao requerido pela CI/IPB, resolvi fazer este pequeno livro onde estão relatadas algumas

coisas que aconteceram. Comecei a preparar o material para escrever no mês de Agosto. Para fazer tal coisa iniciei com a busca de todos os irmãos que contribuíram de forma direta ou indireta.

Após alguns nomes já listados, comecei a temer que poderia omitir alguns irmãos. Por este motivo, tão somente por este motivo, não há uma lista de todos os nomes que ajudaram neste trabalho do Senhor. Talvez devéssemos tê-los registrados desde o início, mas diante de tantas dificuldades foi impossível já que o trabalho era incipiente.

Mas ainda que eu ou qualquer outro irmão esqueça, Deus jamais esquecerá esses servos valorosos que se dispuseram desde o início, em 2001. Alguns, como nosso pastor João Carlos, já não estão mais com a gente, estão no seio de Abraão. Estes aguardam a coroa da vitória. Enquanto houver oportunidade, nós estaremos em Pavuna.

Nosso trabalho não acabou, esse é o início de uma nova etapa. Hoje, dia 17 DE NOVEMBRO de 2012, o PNRJ organizou a 2ª Igreja Presbiteriana em Pavuna. Temos agora nossos presbíteros e diáconos que juntamente com o pastor estarão trabalhando nesta nova empreitada. Esta, com certeza, é uma data marcante para todos nós. Damos toda honra e toda glória para o Senhor nosso Deus! Foi Ele quem deu as ovelhas para o Senhor Jesus e Jesus quem nos enviou para buscá-las para Ele.

Ainda temos missões que são consideradas grandiosas aos nossos olhos. Estamos em um imóvel alugado, nossa arrecadação e caixa são boas, mas ainda não é o suficiente para comprarmos um imóvel. Continuaremos nesse propósito. Mas o nosso Deus é maior do que qualquer missão que possa aparecer. Todavia, ainda que consigamos o nosso imóvel, a missão da Igreja não pára enquanto Jesus não voltar.

Evangelizaremos este bairro enquanto houver uma só vida para ser evangelizada. O diácono Filipe foi levado pelo Espírito Santo para o deserto por causa de um homem etíope. Jesus diz que “há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que noventa e nove que não precisam de arrependimento” (Lucas 15.7).

Queremos levar a doutrina Bíblica para as vidas que estão perdidas e enganadas pelo engodo dos homens e do maligno. Libertar em Nome de Jesus os que são do Senhor é um dever, uma missão que cabe a Igreja. E queremos realizar esta tarefa enquanto Deus permitir.

Iniciamos com lágrimas, medo, dúvidas e desânimo, mas hoje “retornamos com os feixes e muita alegria”. Nossa emoção é grande demais e por certo não conseguimos nos conter de tanta alegria, e acho que não há motivo para tal contenção. Se não fizemos isso com nossas lágrimas, porque faríamos com nossa alegria?

A Bíblia sempre se cumprirá na vida daqueles que crêem, dos que colocam a mão no arado e confiam que Deus é quem dá o crescimento. Esta, mais uma vez afirmo, é uma história real e colocada sob minha ótica. Por certo se qualquer outro irmão escrevesse este livro, tiraria muitas coisas e incluiria outras também maravilhosamente reveladoras.

Assim como aconteceu com os Evangelhos chamados sinóticos, aconteceria se alguém também resolvesse escrever a história da Congregação de Pavuna. Uma “HISTÓRIA DE AMOR”, a obra e a causa do Evangelho de Jesus Cristo, e não a de homem algum.

**LOUVADO SEJA DEUS!**

## Conclusão

---

Estamos totalmente experimentados? Com certeza não! Somos fortes? À semelhança do apóstolo Paulo, apenas em nossas fraquezas. Nos gloriamos com esse acontecimento? Apenas na cruz de Cristo! Acertamos em todas as coisas que fizemos? Obviamente não, se pudéssemos faríamos muitas outras coisas e deixaríamos por fazer muitas outras. Foi um grande aprendizado para nós.

Por este motivo escrevemos esse livro, a fim de além de perpetuar e espalhar nossa experiência, tentar despertar nossas Igrejas e Concílios Superiores para que estes possam olhar e planejar em parceria, pois uma Igreja organizada não pertence a A ou B, ela pertence ao Senhor.

E porque não dizer, este é um desabafo do autor: “Se tivéssemos recebidos uma única ajuda, com certeza já estaríamos organizado como Igreja e ajudando outras Congregações”. Todavia, como falamos e demonstramos em todo relato deste livro; “Deus permitiu que até aqui, andássemos com os nossos pés. Dependendo única e exclusivamente dEle”.

Aos colaboradores do trabalho e de nossos projetos, desculpem por seus nomes não estarem neste livro, para não esquecer ninguém preferi deixar somente o do grupo que foi enviado e de um ou outro

irmão que entrou. Saibam que eles não são mais ou menos importantes. Mas apareceram para dar uma explicação melhor dos fatos narrados. E como já disse e torno a repetir, a recompensa, tanto deles como de todos vem do SENHOR.

Agradeço a todos, na condição de pastor da Congregação, e se Deus quiser, da 2ª Igreja Presbiteriana do Brasil em PAVUNA. Esperamos que vocês guardem esta história com carinho, lembrança ou conhecimento para muitos. Pois a obra do Senhor nunca foi fácil de ser realizada e nunca será. Enquanto o pecado prevalecer na humanidade e o nosso adversário não for lançado no lago de fogo e enxofre, o trabalho será difícil.

Se em alguma coisa fomos omissos nos fatos, com certeza não foi proposital e muito menos se revelamos alguma coisa que foi de encontro ao sentimento de alguém. Perdoa-me por tal coisa!...

Para os irmãos que fazem parte de nossa Igreja, mãos à obra. A seara é grande e os ceifeiros são poucos. É maravilhosa a mudança de Congregação para Igreja, mas junto com essa mudança vêm muitos trabalhos. Aos que não pertencem à nossa Igreja, contamos com as orações a nosso favor. Ao Conselho da Igreja de Costa Barros, agradecemos por permitir a conclusão de todo o trabalho até então e o envio do grupo de irmãos. E a Igreja mãe como um todo, pela paciência e pelas orações que foram realizadas a

nosso favor; ainda precisamos de muitas orações.

Ao nosso Presbitério, agradecemos pelo amor, cordialidade, acolhida de nossa documentação e pela presença tão significativa em nossa Igreja. Mas ainda precisamos que olhem para gente e não esqueçam de nós nas orações e nas participações dos trabalhos do Presbitério.

Como não poderia ser diferente, agradeço a Deus pela vida de minha amada esposa que suportou e acompanhou toda nossa caminhada. Haverá, se Deus quiser, muitas outras. Agradeço aos meus filhos que também têm contribuído nesse projeto de Deus.

Essa é parte de nossa história, para concluí-la; foi de muita valia a ajuda de nosso irmão Will nas observações, desde digitações, ortografia à confecção do livro e opinião. Ao nosso amado irmão e amigo Reverendo Edson Arantes; que pode contribuir com sua opinião para conclusão deste trabalho impresso.

À nossa irmã professora Marluce e diácono Sérgio, agradecemos por haver prefaciado nosso livro com a biografia de nosso amado pastor João Carlos, homem de Deus pelo qual tive o privilégio de ser pastoreado.

Aos irmãos das Igrejas de Bento Ribeiro e Rocha Miranda, que conhecendo nosso trabalho, logo dobraram seus joelhos e oraram em prol de nossas vidas.

E que Deus continue gracioso com a Sua mais nova Igreja e nos use abundantemente nessa

localidade, como lhe aprouver. Levantando homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças para dar continuidade ao Seu Reino, até que Cristo Jesus volte e leve Sua Igreja espalhada pela face da terra.

*Reverendo Alexandre F. Ferreira.*

## **Uma História Repleta de Fé e Perseverança, Dependência e Suficiência da Graça de Deus...**

Neste pequeno livro, o pastor Alexandre nos conta um pouco das experiências vividas à frente de uma obra missionária: conflitos, incertezas, reprovação e obstáculos são contrastados com confiança, dependência, sustento e obediência a Deus e ao imperativo de *“IR ATÉ OS CONFINS DA TERRA!”*

Esta emocionante história, apresentada sob a perspectiva pessoal de seu autor, nos mostra o quanto é difícil convencer os cristãos que *“A MISSÃO É DE DEUS”*. Mas também revela que sempre valerá a pena ir até a extremidade da Terra mesmo que seja para salvar apenas uma alma. Ensina-nos que investir no Reino de Deus vai além das estratégias corretas e da boa administração dos recursos humanos ou financeiros, pois nunca será um erro ou mera e tola insistência pregar o evangelho de Jesus Cristo, tudo quanto temos de fazer é testemunhar do Evangelho de Jesus Cristo. E a Segunda Igreja Presbiteriana em Pavuna é prova disso!...

*Will da Silva Grota*